



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8688 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

A CONCEPÇÃO DE CORPOREIDADE SOB O OLHAR DO DEFICIENTE VISUAL: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS EM SANTARÉM-PARÁ.

Andressa Karoline Santana Teixeira - UFOPA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A CONCEPÇÃO DE CORPOREIDADE SOB O OLHAR DO DEFICIENTE VISUAL: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS EM SANTARÉM-PARÁ.

INTRODUÇÃO

Muito já foi discutido sobre o corpo ao longo dos anos, múltiplas teorias e pesquisas científicas foram realizadas nas variadas áreas da ciência sobre esse fenômeno. O corpo que no decorrer do processo histórico da civilização humana foi concebido como: corpo/objeto, cartesiano, dicotômico, mercadoria, até que na atualidade se discutisse com mais ênfase o discurso de corpo ativo/corporeidade.

Compreendendo a corporeidade como forma de perceber o corpo abandonando “o conceito unilateral que define o ser humano pela racionalidade, pela técnica, pelas atividades utilitárias e pelas necessidades obrigatórias” considerando-o a partir de uma visão antagônica em sua comunicação consigo mesmo, o outro e o mundo (MOREIRA, *et al*, 2006 p. 145).

Assim, “exige uma educação que realce a afirmação de que o ser humano não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e sua imaginação” (idem, p. 140). O corpo, portanto, é linguagem com múltiplos sentidos e aprendizagem.

Nesse contexto, objetiva-se investigar como o deficiente visual percebe seu corpo à luz da abordagem da corporeidade, pois, “ser deficiente não deve ser encarado como algo negativo ou de inferioridade, e sim como uma das condições possíveis de ser e estar no mundo como outro ser”, que desenvolve em sua individualidade as interpretações de sua existência a partir de uma dialética diferenciada (PORTO, 2002, p. 30).

Embora se saiba que devido aos estigmas atribuídos ao deficiente visual a sua comunicação é prejudicada, pois geralmente não se olha um corpo sujeito com suas potencialidades, em vez disso, a deficiência toma proporção maior do que o próprio indivíduo (BORTOLINI, 2014).

Contudo o deficiente visual difere seu olhar do vidente, pois para ele a personalidade vem em primeiro lugar ao invés da aparência física, dessa maneira, a percepção do outro si dá por esse meio e não por intermédio da visão. Logo, o corpo do outro é um desafio, pois o deficiente não obtém uma visão detalhada, mas o imagina a partir da semelhança com o seu, daí a importância da relação consciente com seu próprio corpo (idem).

Busca-se nesta pesquisa lançar um olhar sensível sobre o corpo, vendo-o em sua totalidade existencial, de forma que se possa refletir acerca da percepção de corpo pelos alunos com deficiência visual à luz da abordagem da corporeidade para o desenvolvimento humano.

A presente pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Formação Humana em contextos formais e não formais na Amazônia, do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

MÉTODOS

Neste estudo optou-se pela pesquisa descritiva. Quanto a pesquisa de campo, serão utilizados os instrumentos metodológicos da observação não participativa e questões geradoras para a produção de dados.

A estrutura teórico/metodológica baseia-se nos pressupostos fenomenológicos que constitui-se como atitude de envolvimento com o mundo por meio da experiência vivida e não apenas por uma simples representação mental dele (NÓBREGA, 2010), e na abordagem da corporeidade buscando superar o dualismo entre corpo e mente no qual o primeiro é considerado mero objeto comparado a uma máquina enquanto o segundo é valorizado por seus atributos racionais. A Corporeidade considera a realidade corpórea nos planos da sensibilidade e da inteligibilidade compreendendo a vida em todos os seus possíveis sentidos e nas relações que o ser humano desenvolve consigo, com os outros, com o mundo e tudo que nele habita.

O estudo será desenvolvido em escolas públicas do município de Santarém – Pará, que em seu quadro de alunos tenham estudantes com deficiência visual cursando o ensino médio. Os dados serão analisados a partir da “Elaboração e Análise de Unidades de Significado”, desenvolvida por Moreira; Simões; Porto (2005).

CORPOREIDADE NOVOS OLHARES SOBRE O CORPO

Há algum tempo o fenômeno da corporeidade tem provocado reflexões sobre a compreensão do corpo. Deste modo, contribui para o entendimento do ser humano em sua totalidade, nas relações consigo, com o outro e com o mundo, constituída na estesia do ser. Para Nobrega (2010, p. 35) “a corporeidade é considerada como um campo de experiência e reflexão, a partir do qual se desdobra possibilidades epistemológicas, éticas, estéticas, sociais e históricas”.

Pensar com a perspectiva da Corporeidade é considerar o corpo como sujeito, opondo-

se a visão de dualidade entre corpo e alma, vendo-os como indissociáveis, pois:

O universo da corporeidade é polimorfo, paradoxal, incerto, desafiador e poético. Um universo de imagens, formas, sons, movimento, comunicação e expressão que embaralha o pensamento e as ideias que querem racionalizar, ordenar logicamente em esquemas simplificadores [...] Trata-se de visualizar uma perspectiva de compreensão iniciada com a interpretação da plasticidade da linguagem corporal, possibilitada pelo gesto, gerando e sendo gerada pela estesia do corpo e do conhecimento sensível (NOBREGA, 2010 p. 42).

Para discutir o corpo em sua essência e em sua facticidade recorre-se aos pensamentos de Merleau-Ponty para iluminar as reflexões aqui propostas acerca do fenômeno da corporeidade, pois o filósofo enfatiza ser necessário estabelecer novos conceitos sobre a existência do mundo vivido e de corpo. Logo,

O corpo está associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à subjetividade, às relações com o outro, à poesia, ao sensível, apresentando-se como fenômeno enigmático e paradoxal, não se reduzindo à perspectiva de objeto, fragmento do mundo regido pelas leis de movimento mecânica clássica, submetido a leis e estruturas matemáticas exatas e invariáveis (NOBREGA, 2010 p. 54).

A autora considera que o corpo é pleno de subjetividade, recortado pela historicidade, imerso na cultura, imprimindo sentidos aos fenômenos e aos acontecimentos, o que instiga o ser humano a sentir, perceber o mundo, os objetos, o outro (NOBREGA, 2010).

Partindo dessa ideia, é a experiência vivida que nos faz \ compreender o mundo em que nos movemos, como expressa Merleau-Ponty “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2018 p. 14). Portanto, a fenomenologia visa recuperar e preservar essa abertura do sujeito ao mundo.

Moreira *et al* (2006) aborda o conceito de corpo ativo como compreensão de uma corporeidade vivida, que tem a premissa de aprender a ver a vida de uma nova maneira, lançando um olhar sobre os objetos com intuito de habita-los e compreende-los em seus distintos aspectos. Baseado nesses pressupostos compreende o ser humano como algo em construção, nunca acabado, visão de corpo em sua totalidade.

Cada corpo detém em si uma estesia que é particular de acordo com as suas vivências. A corporeidade entendida em sua totalidade existencial detém uma “ambiguidade do ser humano como intencionalidade, como consciência e corpo, desvelando sua unidade a partir do sensível, do corpóreo, da experiência vivida do ser no mundo” (MOREIRA *et al*, 2006, p. 141).

CORPOREIDADE E DEFICIENTE VISUAL: APROXIMAÇÕES

Desde criança estabelecemos uma comunicação visual com o mundo exterior, somos estimulados a olhar o que está à volta, detectando de forma instantânea e simultaneamente os estímulos presentes no ambiente. É na forma exploratória através do ato de ver que se associa imagens, imitação de gestos, comportamento, percepções e formas. Ao se tratar de crianças com deficiência visual a imitação fica comprometida e outros sentidos obtém informação limitada e incompleta, assim, é necessário que essa ausência ou limitação da visão seja preenchida com outras modalidades de percepção e de experiências não visuais (Sá, 2011).

Por ser atribuído aos olhos uma grande parcela das experiências, questiona-se como o deficiente visual se situa, estabelece e percebe suas relações em um mundo que é projetado

em grande parte para o vidente. O deficiente visual, assim como qualquer ser humano, percebe o mundo e estabelece relações, pois a percepção para qualquer sujeito é imutável e associada as experiências de cada um.

Nobrega (2010) destaca que o corpo existe na medida em que sua relação com o mundo é percebida. Dessa forma, tanto o vidente quanto o cego habitam a si mesmo e ao mundo, não apenas ocupando o espaço de maneira inerte e passiva, mas de forma ativa e consciente. Logo, a relação do ser com o mundo se estabelece recorrendo às suas experiências e reflexões mediante a sua realidade corpórea, o corpo é presença existencial do ser, sendo por intermédio da corporeidade que ele vive sua existencialidade (PORTO, 2002).

Dessa maneira, não cabe fazer distinção entre o mundo dos videntes e dos cegos, fazer isso é não admitir que o mundo é o mesmo que se apresenta para qualquer sujeito que o partilha. O que existe é uma diferenciação da forma de perceber entre um e outro (PORTO, 2002).

Nas palavras da autora, é comum exigir que eles concebam o mundo como os videntes, mas ao fazer isso nega-se que ambos vivenciam a mesma situação. O que ocorre é que os cegos percebem de forma distinta por serem diferentes em sua essência, condições naturais de seus corpos, físicos e biológicos, entretanto, isso também pode ser percebido de cego para cego ou de vidente para vidente, pois todo ser é único e estabelece sua relação com o mundo nessa perspectiva.

CONCLUSÕES

A corporeidade atenta para a multiplicidade de saberes do corpo, de maneira que não concorda com qualquer redução, mas busca exprimir novos e diferentes olhares, estabelecendo um diálogo entre os diversos corpos em sua dimensão multifacetada (Nobrega, 2010).

Assim, ninguém melhor para falar de um corpo com deficiência visual se não ele mesmo, pois é ele quem vive cotidianamente todas as suas dificuldades e potencialidades. É quem estabelece relações, percebe e se lança no mundo definindo os sentidos de sua percepção.

O deficiente visual vivência um mundo que é todo projetado para os videntes, e este precisa usufruir desse mundo, de maneira a estabelecer associações do invisível de forma a utilizar todo seu potencial (PORTO, 2002).

Nessa perspectiva, acredita-se que as discussões traçadas neste estudo sobre corporeidade e deficiência visual contribuirão para possibilitar o embasamento de profissionais da educação a dialogarem com os corpos de seus alunos, e nessa interação estabelecerem uma aprendizagem significativa considerando as diversas formas de aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Corporeidade. Educação. Deficiência Visual. Amazônia.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, E. **Deficiência visual, corporeidade e tecnologia: um estudo sobre a**

construção da imagem corporal e expressão da sexualidade por deficientes visuais em ambientes virtuais. Trabalho de conclusão de curso –Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. 75 f.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2018.

MOREIRA, W. W. *et al.* Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**, Campinas: Papyrus, 2006.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **R. bras. Ci e Mov.** v. 13, n. 4, p.107-114, 2005.

NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: editora Livraria da Física, 2010.

PORTO, E. T. R. **A corporeidade do cego: novos olhares.** 2002. 162 f. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, Campinas, 2002.

SÁ, E. D. Atendimento educacional especializado para alunos cegos e com baixa visão. In: MANTOAN, M. T. E. (Org.). **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis: Vozes, 2011. p. 111 – 119. Cap. 4.